

Jornal das Senhoras – Tomo I – domingo, 15 de fevereiro de 1852 - Edição 07

Link: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=700096&pagfis=54>

TOMO I – DOMINGO 15 DE FEVEREIRO DE 1852.

O JORNAL DAS SENHORAS

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

O programa e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina.

### MODAS

É uma verdade incontestavel - o barato sáe caro. - Este axioma é rasteiro, mas não admite questão, porque os factos fallão bem claro.

Compramos uma fazenda, muitas vezes bem bonitinha, que nos custou pouco dinheiro; e porque não queremos que o feitio importe em mais do que ella, ahi vamos entregal-a com 14 ou 20 covados ás mãos de uma *desconhecida* com arrufos de modista, a qual por *muito baratinho* nos prepara um vestido, e, por *muito baratinho*, nos deixa ficar mettidas em um montão de pregas e pápos e deffeitos, que Deus não nos deu, mas emprestou-nos a nossa mal entendida economia.

Daqui resulta ir de novo o vestido a concertar, e refazer-se, e por fim nunca mais toma geito, e perdemos a fazenda, o importante, o feitio e a paciencia, tudo isto porque não quizemos que o *feitio sahisse mais caro que a fazenda!* Deixamos portanto de possuir nma fazenda bonita e de pouco dinheiro, um vestido bem acabado que representaria pella elegancia do seu talho muito mais do que elle vale, para passarmos pelo dissabor de não irmos ao baile, ou a outra qualquer reunião interessante, porque o vestido sahira mal feito das mãos da costureira, que *leva pouco dinheiro de feitio*. Faz morrer de raiva!

Quantas bellezas gentis e fascinadoras confundem a sua natural elegancia por entre os vestidos mal talhados e contrafeitos.

Quereis vel-as em toda a sua completa gentileza? ide á sua casa; o seu vestuario caseiro assenta-lhe perfeitamente bem; ella esta livre, o seu corpo não se volta arrochado e com dificuldade entre os apertos de um máo espartilho; e quereis saber? O vestido é feito mesmo em casa. E não é melhor assim?

Não é bem entendida aquella economia, porque pagamos com o corpo o pouco que a algibeira suppõe economisar; e o que é ainda peor, é passarmos por mal vestidas, ou por mal feitas.

As nossas criadas, que em geral são pretas, também cooperão em grande parte para isso: sem nenhuma experiencia e sempre materiaes, ellas não sabem distinguir com olhar caprichoso o vestido bem feito do mal feito, e quando são consultadas ao toucador, onde muitas vezes sua senhora não se pode ver por detrás, respondem com todo o seu materialismo - *está bem bom sim senhora* - e a moça sáe d'ali convencida de que está bem vestida, porque só se preparou por diante, e o resto confiou aos cuidados da mucamba.

A elegancia de um vestido está em o bem talhado do seu corpinho e na sua cintura bem calculada; um maior ou menor numero de pregas tomadas na roda da sáia que não guardem proporção com o corpo e a largura dos hombros, isso só seria bastante para que a moça não fique bem vestida.

Se ella for gorda por certo que os seus vestidos e os seus enfeites devem sofrer uma modificação em todas as suas dimensões e caprichos, os quaes se alterão pelo contrario em *nós magrinhas*, guardando sempre, como levo dito, as competentes proporções.

No tempo em que foi moda em Paris a cintura despropositadamente comprida para *certas moçoilas*, o mundo elegante já mais lançou mão de semelhante despropósito, porque, perspicaz e atilado, para logo anteviu as suas grandes invonceniencias; e o que fez? conservou a moda, mas conservou-a na altura que lhe foi mais commodo. No Rio de Janeiro porém outro tanto não aconteceu; todos usarão cintura comprida, quer pudesse, quer não pudessem, e por tanto tempo predominou esta moda, que hoje, usando-se a cintura um pouco mais curta, ainda ha entre as nossas elegantes algumas que preferem a *moda velha*, allegando para isso o costume que já estão. Tal é a força do uso que nos faz habituar, até os soffrimentos!

Soffrimentos, digo eu, porque não entendo que a cintura da maior parte das moças possa descer do seu natural tres ou quatro dedos, sem que ellas soffrão, e soffrão muito, o arrocho do seu espartilho, o qual, se não for ajustado ao corpo guardando-lhes as fórmulas naturaes, certo que as deixará ficar comprimidas em todos os seus movimentos. Um mal feito espartilho também contribuirá muito para esse estado mortal.

Eu nunca seguí o extremo da moda por essa razão; acompanho nesse ponto as elegantes parisienses, que talhão-na segundo as melhores conveniencias: se a cintura é curta demais e encommoda-me, colloco-a mais abaixo; se é comprida e tira-me o talhe do corpo, vae mais para cima, e sempre ando á moda sem molestar-me e sem dar-me o trabalho de a copiar polegada por polegada.

Ha muito tempo que os manteletes estão em moda sempre com proveito e bons resultados; não se pode duvidar que é moda bonita e elegante; mas nesse intervallo os manteletes têm feito diversas mudanças, e eu ainda vejo alguns, novinhos do trinquê, pelo molde dos primeiros que se usarão! De que provem esta confusão? Não será pelas razões que acabei de expor?

Vos direi que os manteletes da moda são os de ponta de chale, atrás, costura nos hombros, e de pontas adiante. Estes manteletes fazem-se pequenos e são acrescentados por uma ou duas ordens de renda de lã, larga, ou de *guipure* de seda, preta, ou da mesma cor da seda do mantelete. O molde porém mais moderno é o do - mantelete manta - sem costura nos hombros, redendo atrás, e de pontas adiante, guarnecido de renda larga de seda bordada e de - *jaspé*. Este feitio não sómente é o mais moderno, como também é o mais apropriado para a estação em que nos achamos, pela razão de fazer o effeito de uma manta e deixar os hombros inteiramente descobertos. Os de seda furta-cores sempre são os mais preferidos.

Acima porém de todos estes, estão com toda preferencia os manteletes de renda preta, que são sem duvida alguma os de mais bom gosto e os mais ricos.

Adeus por esta vez.

Catette, 13 de fevereiro.

---

## ESTUDOS SOBRE EDUCAÇÃO

(Continuação.)

Antes de desenvolvermos as nossas ideias sobre a educação, queremos fixar e estabelecer clara e precisamente o sentido da palavra - Educação. Pouco extenso é o numero d'aquelles que se dão ao trabalho de analyzar e comprehender sua importancia, e que, dos preceitos são de uma moral e bem estabelecida e solidamente baseada, pretendão differenciar-lhe os erros. A educação soffre o destino de todas as doutrinas que tendem á realisação do porvir

— 51 —

da humanidade: está reduzida a uma palavra que se pronuncia sem comprehender-se primeiramente o que ella quer dizer.

O que devemos pois entender por educação?

Quaes as bases sobre que deve versar esta doutrina?

Entenderemos por educação estas habilidades agradáveis ou frívolas, que ornão de leve o espirito sem illustral-o?

Entenderemos por educação esse verniz polido e brilhante, de maneiras calculadas, que fazem o distinctivo do homem de sociedade?

Entenderemos por educação o trajar mais ou menos elegante dos individuos?

Entenderemos por educação os proprios conhecimentos artisticos ou scientificos que adornão um individuo, e que as vezes o denotão como um homem de talento?

Não, mil vezes não.

A educação não é uma palavra.

É um principio que não entende só com o espirito. O seu pedestal é o coração: a educação é o aperfeiçoamento moral e intellectual do individuo; a educação é a nossa segunda natureza e a pêa das más paixões.

A educação é a rectidão, a honra, a justiça, a probidade, é o verdadeiro conhecimento dos nossos deveres para com os nossos semelhantes e para com nosco.

A educação são as nossas acções, é o nosso procedimento.

Vesti um homem de ouro, collocai-o em um palacio, se o seu proceder foi máu, jamais será um homem de educação.

Entendemos por base unica de toda educação - A RELIGIÃO, O AMOR A DEUS - symbolisado na humanidade.

Toda formula religiosa nos é necessaria, porque não ha natureza humana, por destituida de intelligencia que ella seja, que não sinta a necessidade da poesia e do maravilhoso, que não procure a realisação destas duas bellas instituições divinas, já nas tradições populares, já no formulario religioso; porque a religião é outra necessidade inherente ao coração ou ao espirito, onde quer que colloqueis os sentimentos, as paixões e os instinctos. D 'aqui porém não deve concluir-se que o ensino religioso se encerra no habito de suas formulas.

A educação, entendemos nós, deve despertar e desenvolver no coração do imperio da consciencia, para que ella dirija as nossas acções reprovando os más, e auxiliando-nos com a força moral no difficil desempenho das virtudes e d'aquelles deveres, que as vezes vão de encontro ou ás nossas paixões ou aos nossos interesses.

Emprehenda-se a educação da mocidade ensinando-se-lhe por meio de uma linguagem pura, a fallar com a alma e com as acções ao Supremo Creador do Universo. Ensinae-lhe a doutrina da verdade, ensinae-lhe a respeitar a virtude e a intelligencia, porque são attributos divinos; dizei á mocidade - não ha se não uma maneira de amar a Deus: praticando a *caridade*; realisando em todas as fazes de nossa vida as divinas palavras do Mestre dos Apostolos.

Não fazer aos outros aquilo que não deajamos para nós.

A indulgencia com os deffeitos alheios; a prudencia e a paciencia com os máus, deve ensinar-se praticamente, desde os mais tenros annos da mocidade.

Uma falta sensivel nos estabelecimentos de educação é sem duvida a de um livro que esteja ao alcance da intelligencia das crianças, e que contenha os principios de que fallamos; livro não escripto para ser lido, mas sim para ser praticado; livro em fim que incluísse as bases sobre as quaes deve fundar-se a educação, que servisse de estudo aos mesmos professores.

Trememos apesar nosso quando vemos a indifferença com que é olhada a educação!

Trememos quando nos lembramos que os exames dos professores são apenas a analyze de certos vulgares, e que nunca se indaga uma palavra, nem sobre os sentimentos, nem sobre o comportamento d 'aquelles individuos encarregados de tão ardua e difficil tarefa!

Trememos quando vemos chegar um estrangeiro, que ninguem conhece as vezes, e abrir um collegio com a mesma facilidade com que abriria um botequim!

E ninguem lhe pergunta nada! ninguem indaga se essa creatura tem comprehendido as necessidades da sociedade, nem as maneiras porque elle interpreta - a educação!

Um collegio é uma especulação como outra qualquer - nada mais.

Fallem os meninos inglez, ou francez, chegue um dia em que nem o filho entenda o pae, nem o pae entenda o filho, e (oh! ventura!) a educação será completa! *(Continua.)*

– 52 –

## ESTUDOS

### *Primeira lição*

Se o permitirdes, minhas queridas leitoras, vamos começar uma serie de lições bem explicitas, e com toda possivel clareza hão de conduzir-nos ao fim aque eu me tenho proposto.

Na verdade aquilo que eu vos dicer é mais fructo da inspiração e de minhas proprias reflexões do que obra de aturado calculo sobre os livros.

Já fui muito affeçoada á leitura; depois que aprendi a horriavel sciencia de ler no coração humano, prefiro-a á dos livros.

Este mundo é um livro aberto para quem nelle quizer estudar os homens, os acontecimentos e a verdade.

Por isso francamente vol-o digo, não possuo profunda erudição, mas para attingir os meus propositos, que são a vossa *verdadeira* illustração, podem servir muito bem os meus pequenos conhecimentos.

Ora vamos nós tratar de assumpto muito sério.

Vamos tratar, nada menos, que da definição de uma palavra.

A Philosophia! Deus nos acuda! que proferi! o dragão das sete cabeças é menos assustador, que a idéia de que as mulheres possam comprehender o sentido desta palavra, que não haverá quem chame o - *Coco dos meninos!*-

Quantas applicações tão diversas não soffre esta infeliz palavra!

Ve-se um sujeito, desleixado, ás vezes *pôrco*; está dito, aquelle é um Philosopho!

Ve-se outro, maniaco, amigo de andar sentando-se nos cantos, amigo de passear sozinho e de vagar: está Philosophando!

De maneira que, para o vulgo, a Philosophia não tem a sua verdadeira definição.

Vamos nós então saber o que vem a ser a Philosophia.

A Philosophia é a coisa mais simples do mundo.

E' uma sciencia dividida em tres partes.

A 1<sup>a</sup>. trata do conhecimento de nós mesmos - O estudo da nossa alma; a analyse das nossas faculdades moraes, dos nossos sentimentos, paixões, sensações e impressões.

Já vedes que esta primeira parte nada tem de *medonho* e de impossivel, que não possamos comprehender, porque não ha nada mais simples.

Possuimos *uma alma* emanação do Creador. - Esta alma, cujo organismo invisivel pode comparar-se ás molas e rodas de um relógio, é o principio de todo o conhecimento; por isso o estudo de *nós mesmos*, será sempre a base de qualquer outro estudo que emprehendermos. -

Uma vez separados do mundo exterior e recolhidos em nós mesmos, o primeiro facto que comprovamos é o da nossa existencia pelo - Eu.

Depois sentimos a consciencia que nos adverte de todos esses phenomenos, ou sensações singulares, que sentimos sem poder explicar.

O testemunho da consciencia é irrecusavel; nos juisos do espirito pode admittir-se o erro; mas n'aquillo que a nossa consciencia nos demonstra pela dôr, pela alegria, pelo remorso, ou por outra qualquer das emocções moraes, não ha engano - porque todos nós, *sentimos - como sentimos*.

A consciencia é applicavel á intelligencia tambem; e ella da-nos a tacita convicção da nossa liberdade *moral e intellectual*.

Esta liberdade vem a ser.

O livre alvedrio - ou livre arbitrio.

Já vedes que, se Deus nos quiz dar estas faculdades todas, a culpa não é nossa; porque elle não nos fez como Polypo?

O livre - alvedrio - Não é o desenfreio das paixões como não faltará quem assim o interprete. Não é praticarmos as nossas vontades, contra a razão e contra a justiça; nem em oposição aos nossos deveres, nem de encontro ás convenções da sociedade.

O livre alvedrio, ou para melhor dizer, a liberdade d'alma humana, é um presente da inefavel bondade do Creador, pelo qual nos deixa a escolha dos nossos pensamentos, das nossas afeições, que só recebem a lei da sympathia ou attracção; liberdade que uma vez verificada pelo facto intimo da consciencia, nos inspira a dignidade de toda a creatura que comprehende, que existe, pensa e sente de per si.

Quatro horas e meia da madrugada - é tempo de dormir - Na proxima lição continuaremos a nossa tarefa - Lede, reflecti, e comprehendereis esta lição. *(Continua.)*

---

### A SEMANA

*(Continuação.)*

A semana por tanto é tristonha e amornada para os taes sujeitos. Vispora, não prestou para nada.

### SOUVENIR

por

*F. J. Noronha*

VOI

*Andantino*

Piano

*Oh' Souve...*

nir rempli de char..mes Sou..ve... nir du pre-mier a...

*nir rempli de char..mes Sou..ve...nir du pre - mier a...*

mour. Tu m'as bien fait ver-ser des lar...mes Mais il

*.... mour. Tu m'as bien fait. ver - ser des lar...mes Mais il*

est pa ssé sans re tour Oh' Sou..ve--tour si ji poa..

*est pa ssé sans re tour Oh' Sou \_ ve -- tour si ji poa..*





*... vais la... voir en...co..re Comme une ro...se du prin...*



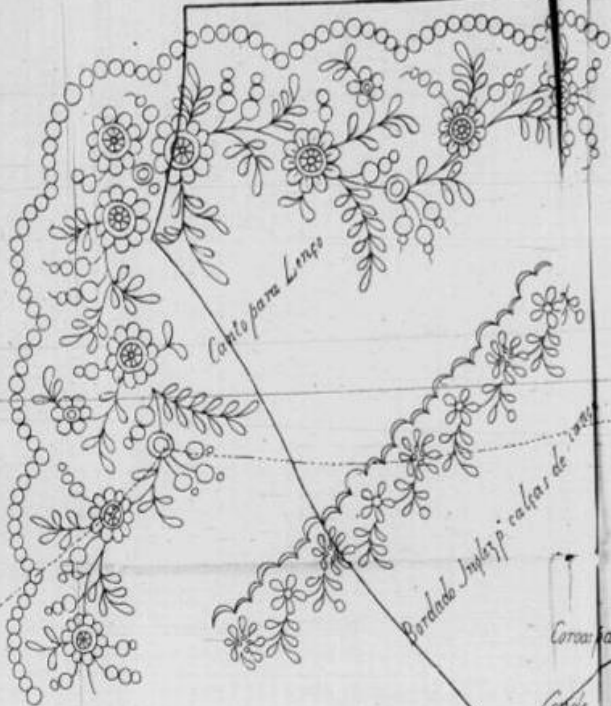
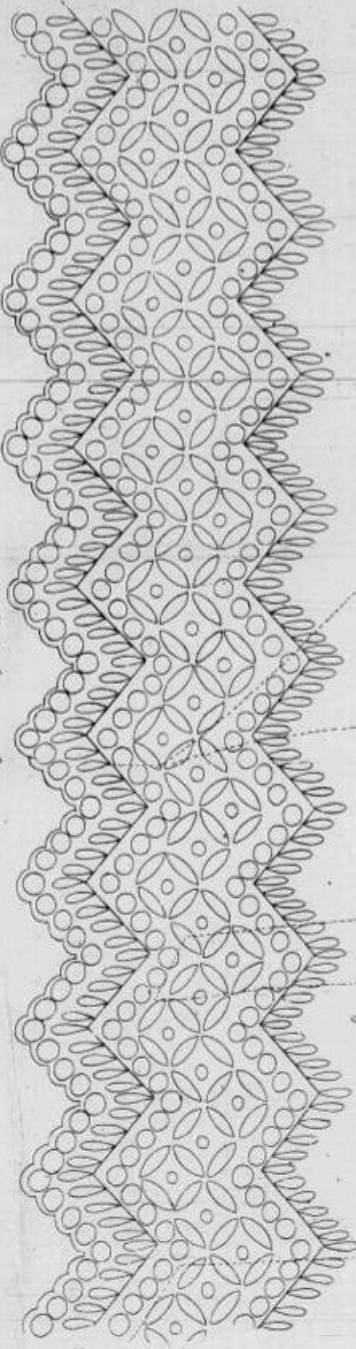
*... zeni fe Zi.....rai Ah! Je zia do..re Je Sui le*



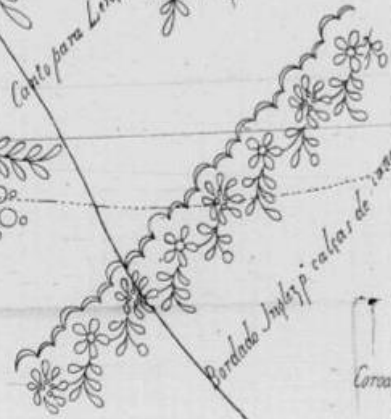
*mer... lhour desa \_ ments  
Sa bouche Si roxe et belle  
Me repetait qu'elle m'email  
Que saflamme et ait eternelle  
Que notre amour etait par fait.*

JORN

Bordado Inglês para Saco



Canto para Lenço

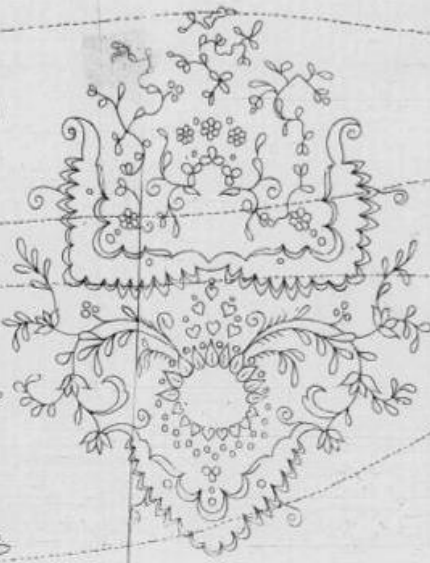


Bordado Inglês p. calças de seda

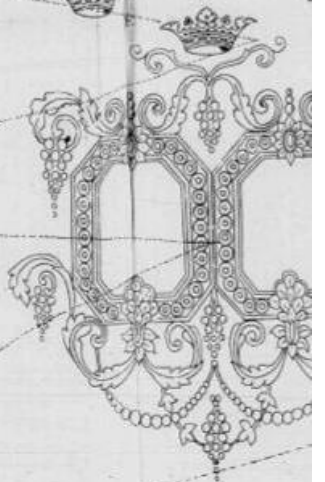
Coroa para bordar no lenço



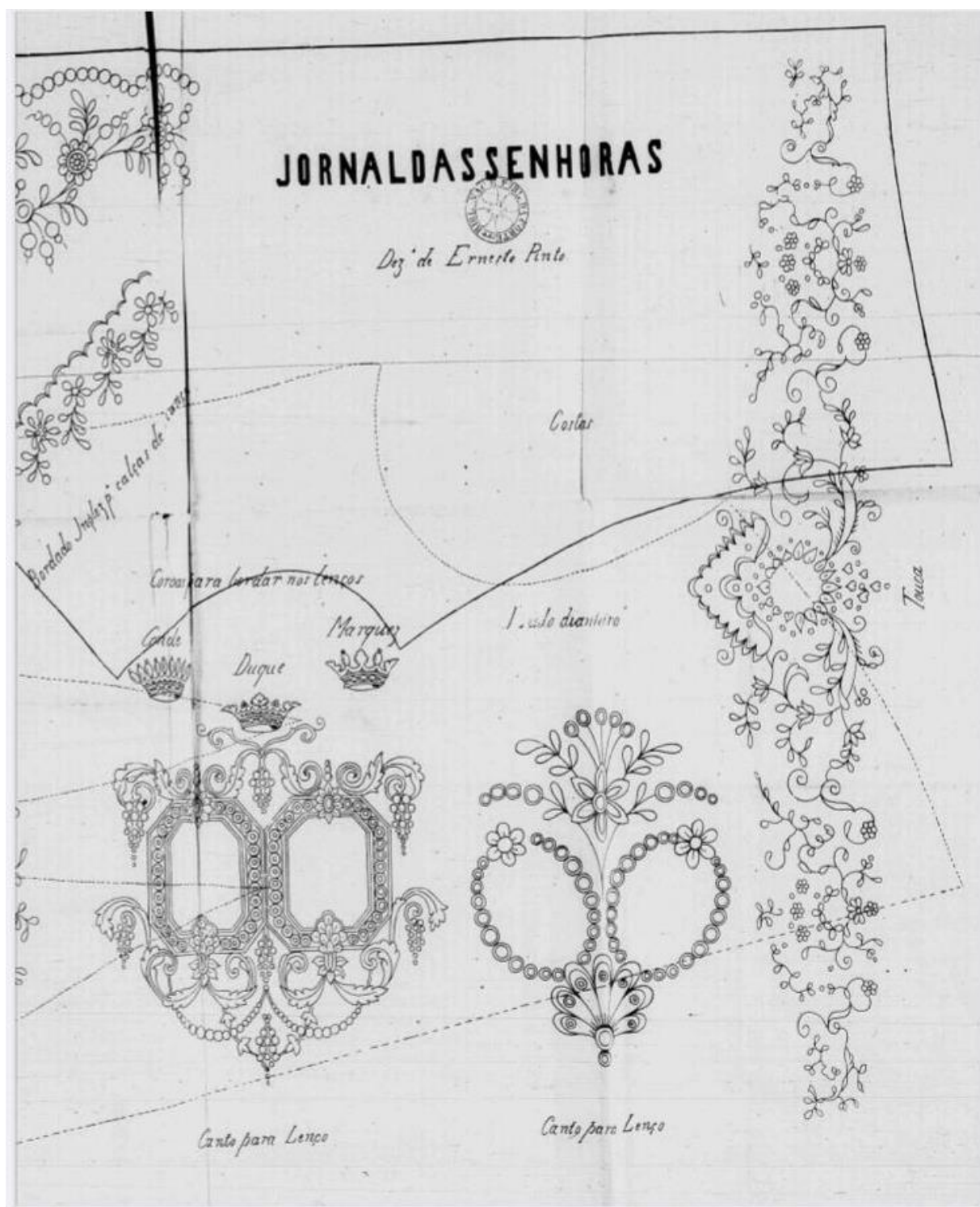
Duque



Fundo de touca



Canto para Lenço



Pois eu não penso assim; conheço que sou exquêsita nesse particular, mas é meu gosto. Penso por outra forma mui differente, segundo o meu genio e o *lamiré* que me dá a orchestra deste mundo. Vejamos. A semana para mim é alegre:

Se durante os seus seis dias houve bom tempo, claro e fresco, que é para não se alterar o meu *rheumatismo*, de cuja enfermidade estou soffrendo agora, graças a *gota* do meu santo esposo, que em moço, dizem, que foi um *santo rapaz*:

Se todas as famílias com quem me vesito passam bem de saúde, que é para lhes comer os bolinhos e tomar-lhes o chá, dansando cantando e conversando:

Se os maridos não brigão com as mulheres á minha vista, que é para não me ver eu tonta depois entre eles, que me chamão ao mesmo tempo para lhes eu dizer qual dos dois teve mais razão: naturalmente todos dois, porque *em briga de marido com mulher ninguem se deve metter*;

Se á luz veio algum *nê-nê*, cujo baptizado se ha de fazer com função historiada e convites á corte, que é para eu mandar fazer mais um vestido bonito: gosto muito do passeio que faço no dia que vou provar um vestido.

Além disso também gosto da semana cheia de bailes, partidas, theatros, cavalinhos, touros, carneiros, galinhas e perús.

Gosto da - *Regata* - a qual vem a ser uma apposta entre muitos, em que ganhão muito poucos, em botes a remar, até ver qual chega primeiro ao ponto marcado, cubertos de gloria os que ganharão e lavados de suor e raiva os que perderão.

Gosto das *corridas* dos *malacaras*, *malacarinhas*, *piparotes*, *andorinhas*, e outros nomes inglezes, francezes, turcos e alemães dos cavallões, cavallicoques e cavalinhos, que teem dado á perna muito bonito no Prado fluminense, logar onde não posso estar séria por mais que queira; muito me rio e me divirto á custa dos Snrs. homens e seus bucefalos; mas é só d'aquelles que querem e não podem, isto é, que querem ser cavalleiros e não sabem andar a cavallo. Ora a graça de apresentarem ali um cavallo penteado á Stuart, não é de tanto espirito? Não vos parece que em tal caso seu dono por um triz que não nasceu da mesma especie? Eu penso que sim.

(*Continua.*)

## LINGUAGEM DAS FLORES

(*Continuação.*)

### ATTRIBUTOS DE CADA HORA DO DIA ENTRE OS ANTIGOS

UMA HORA. - Um ramilhete de rosas abertas

DUAS "- Um ramilhete de hélio-tropo.

TRES "- Um ramilhete de rosas brancas.

QUATRO "- Um ramo de hyacinthos.

CINCO "- Alguns limões.

SEIS "- Um ramilhete de lothus (lodão)

SETE "- Um ramilhete de lupinos.

OITO "- Laranjas.

NOVE "- Folhas de oliveira.

DEZ "- Folhas de álamo.

ONZE "- Um ramilhete de malmiqueres.

DOZE "- Um ramilhete de amores perfeitos e violetas.

### *Observações*

Para substituir os hyacinthos, que são raros no Rio de Janeiro, indicamos as Griffínias; e para designar *dia ou noite* entrearemos cada emblema com um ramo de Ipomea para indicar as horas do dia, ou lhe juntaremos um ramo de maravilha para as da noite.

Achão-se no estabelecimento de horticultura de J. Rufino R.V. em S. Christovão, todas as plantas ou flores emblemáticas descriptas nos nossos artigos.

### DAS ROSAS.

ROSEIRA. *Lin. (F. rosaceas).*

ROSA - BELLEZA. - Não há flor que tenha sido mais procurada e exercitado geral admiração, como seja a ROSA! Citada em muitas passagens da biblia como typo da graça, da beleza, glorificada por todos os authores gregos e latinos, celebrada por todos os poetas que com justiça lhe chamão - filha do Céu, ornamento da terra e gloria da primavera, tem sido em todos os seculos, em todos os tempos objecto de attenção e de cuidados entre os povos civilisados.

E porque tem a rosa obtido e conservado, até o presente, o bello título de rainha das flores? E' porque reune todas as perfeições, que se podem desejar em uma flor. A seductora

— 54 —

tafularia de seus botões, a elegante disposição de suas petalas entre-abertas; o contorno gracioso de suas flores abertas lhe dão a maior belleza. Não ha perfume mais suave e mais doce, que se lhe possa comparar; a rubra cor imita o rosto animado das bachantes, ora sua alvura virginal torna-se o emblema da innocencia e da candura.

Cultiva-se a roseira desde a mais remota antiguidade. A rosa cem folhas, a mais perfeita das rosas, cuja origem se perde na noite dos tempos, é devida evidentemente á cultura. A maior parte das especies selvagens, successivamente melhoradas, produzirão pouco a pouco grande numero de variedades, que, sem offerecerem a regularidade e a perfeição symetrica da cem folhas, são sem duvida alguma de efeito mais artistico, por sua disposição mais comprimida e elegante.

A amadora que quizer uma rica e escolhida collecção de roseiras deve procurar os melhores typos em cada raça.

A rosa é o emblema de todas as idades; a interprete de nossos sentimentos, e se entremette nas nossas festas, nas nossas alegrias, e nas nossas dores. O Jubilo coroa-se de rosas, o casto pudor serve-se de seu delicado nacar, e a comparação á belleza; da-se por preço a virtude; é a imagem da innocencia, do prazer e da juventude, dedica-se a Venus e é rival da propria belleza; como ella, possui *a graça mais bella ainda, do que a belleza.*

(*Continua.*)

### **Um jantar em dia de annos.**

Achava-me no anno de 1845 em certa cidade que agora não é preciso nomear. Tinha levado muitas cartas de recommendação, e entre ellas uma para um sujeito d'aquelles que pertencem n'este mundo ao numero dos entes felizes; era rico e gozava da reputação de engraçado, de tranquino. Fallando-se delle dizia: "Fulano? Jesus, que judeu; onde elle está ninguem fica serio." Com effeito, o tal homem fazia esforços sobre humanos para conservar sua reputação de homem de espirito; se entrava n'uma sala, fazia muitos rapa-pés, muitas mesuras, muitas caretas; se pilhava uma cadeira meia descollada, esfrangalhava-a; outras vezes, acabando de tomar chá, atirava com a chicara para o teto, dizia elle para ver o que faria a chicara vendo-se em taes alturas; vezes havião em que dava-lhe para apagar as velas, etc. De consequente onde elle estava, não se esperasse conversação seria, nem aquelles gozoz da boa educação, em que uma alegria tranquillã e bem feitora, differe tanto dessas rizadas, desses gritos, dessa alegria frenetica e tumultuosa, tão semelhante a embriaguez. Pois este santo homem lembrou-se de dar um jantar no dia de seus annos, e fez-me a honra de convidar. Não foi sem susto que aceitei; porque, fallando a verdade, sempre gostei pouco de gente que se empenha em ser engraçada, e que supõe que todos estão de humor para aturar gracejos, que nunca podem passar de tolices. Aceitei pois, com a mesma resignada submissão com que aceitaria uma penitencia. Chegou o dia fatal, e eu fui a casa de um amigo do tal homem, o qual



me devia acompanhar; lembro-me que trajava como deve trajar um individuo que se apresenta n'uma casa pela primeira vez. Assim pois, logo que o tal amigo me divisou, poz-se a gritar:

- Homem, que é isso para que veio você de casaca?

- Pois então, como havia de vir?

- Como? de jaqueta, homem de Deus!

- Porém, redarguiu ainda, isso não seria bem feito; é a primeira vez que lá me apresento, e.....

- Jesus! que asneira! que etiqueta! Qual! é melhor que você vá de jaqueta, porque o jantar é de confiança.

- Mas Sr. F... veja vm. que não são as abas de minha casaca que hão de impedir a confiança.

- O patusco que era da laia do que dava o jantar, não me respondeu; enfiou-me o braço, e lá subimos a um 3º andar! Ah! desestrado de mim! antes fosse em mangas de camisa! Assim que me avistarão, começou um barulho, uma gritaria.... e, sem ouvir-me sem attender os meus rogos, metterão-me n'um quarto, tirarão-me a casaca e introduzirão-me por força n'uma jaqueta do dono da casa, que bem podia servir de jogo de dominó n'um dia de carnaval. Em fim escapei das mãos daquela boa gente, que entende que só se pode divertir quem está de jaqueta; assim mesmo dirigi-me á sala para fazer os meus cumprimentos a dona da casa; aqual não estando ali, logo suppuz que estaria na cosinha; porque, se as pretas estavãs em signo de leão, que outro remedio que

ir a cosinha e fazel-as andar á força de palmatoria ou de vergalho? Com tudo, por esta vez até esse calculo foi errado; a pobre senhora estava lá dentro tendo um menino, e suffocando os seus gemidos para não perturbar a festa. Estavamos no rigor do verão, e a nove gráus do equinocial; quero dizer, o calor era quasi insupportavel: pois nem por isso estavão socegados um momento. Danse-se a polka, era e brado geral, brado impio e nefando, obrigar um cristão a pular e mexer-se, quando por sua vontade ficaria quieto e socegado! Por fim chega a hora de jantar: já se sabe que havia quarenta convidados em mesa de vinte talheres! Que algazarra! que gritos! que barulho! Lá vem um que quer trincar, e borrifá os vizinhos com o molho da galinha; outro que dá com o cotovello n'um copo e envia seu conteudo ao vestido de uma senhora, que em vão procura disfarçar sua sensibilidade; seus olhos buscão o irritado esposo, que ao mesmo tempo que ri e folga com os outros, atira um beliscão ao braço da desditosa metade. Ah! o que a

aguardará de noite lá em casa? infeliz! Ai! que é isto? É uma criança que vem por debaixo da meza pedir doce e com a sua innocencia vai agarrando todas as pernas sem perguntar de quem são. E este outro sujeito que logo que engole um bocado toma uma gigante pitada, e que no meio de uma risada lhe principia a pingar do nariz certo liquido desagradavel?... Por fim acabou-se de jantar, e fomos para a sala. Polka, a polka, gritarão todos. Ah! tregua, piedade! Nada, nada, polka para digerir o jantar! Em fim, pude escapar-me e correr para o meu hotel, onde jurei não aceitar convite algum para jantar, com medo das jaquetas e das polkas.

---

## POESIA

### UMA MANHÃ NO COSME VELHO.

#### SONETO.

Como surge tão meiga a bella Aurora  
Em carro de saphiras reclinada!  
Como a vasta campina matisada  
Ostenta caprichosa os dons de Flora!

A celeste Diana já descora  
No horisonte, fugindo envergonhada,  
Em quanto ao lindo albôr da madrugada,  
Da noite o negro manto se evapora.

Ali, trina o canario docemente,  
Terna fonte saudosa, aqui murmura,  
E o rio se espreguiça mansamente.

Quanto é belo o sorriso da Natura!  
Que enlêvo de prazer meu peito sente  
Contemplando o prado da formosura!

*Analía.*

#### PARODIA.

Si eu fôra dos bosques o écho saudoso,



Teu nome adorado faria soar;  
Se eu fôra da briza seu leve bafêjo,  
Teu meigo semblante iria beijar.

Si eu fôra dos campos o lirio innocente,  
Quizera em teu peito meu brilho ostentar;  
Si eu fôra dos céos um astro brilhante,  
Em teus lindos olhos me havia mirar.

Si eu fôra rainha do orbe terrestre,  
Humilde a teus pés me havia curvar,  
Si eu fôra do Olympo a deosa formosa,  
Comtigo na terra quizera habitar.

Si eu fôra das musas a filha querida  
Si a lyra de Sapho podesse pulsar,  
Teu raro talento, teu estro sublime,  
Nas cordas de ouro, me viras cantar.

Porém não sou écho, nem briza suave,  
Nem trilha das musas, nem astro a brilhar;  
Sou novel trovista, que, longe do Pindo,  
Teus versos eximios não pode imitar.

*Analia*

---

O. D. C.

*a minha querida amiguinha Eulalia Theodora de Noronha.*

Aceita cara amiguinha  
Estes versos mal formados,  
Que por meiga sympathia.  
Forão elles inspirados.

Desabrochando no prado

Vermelho botão de rosa,  
E' menos bello que o rosto  
De minha Eulalia mimosa.

Se ao romper douradas nuvens  
A fresca aurora é formosa  
E' mais linda em seus sorrisos  
A minha Eulalia mimosa.

D'alva a estrella, scintillante  
De todas mais preciosa,  
Brilha menos do que os olhos  
De minha Eulalia mimosa.

Mesmo quebrando o silencio  
Sôm da frauta maviosa,  
E' menos doce que a voz  
De minha Eulalia mimosa.

Ave de Venus querida  
Meiga rolinha amorosa,  
E' menos candida e bella  
Que minha Eulalia mimosa.

Inocente como os anjos  
Como elles graciosa,  
Esmalte da natureza,  
E' minha Eulalia mimosa.

- 56 -

**MISTERIOS DEL PLATA\*.**

ROMANCE HISTÓRICO CONTEMPORANEO.

Com o mundo começou uma lucta que só  
com o mundo mesmo acabará, não antes:

a do homem contra natureza. a do espirito  
contra a materia, a da liberdade contra a  
fatalidade. A historia não é outra coisa que  
a relação desta interminavel luta.  
MICHELET, Historia da França.

(Continuação.)

Chegados aos Cães os marujos dirigirão-se ao logar onde seu bote ficara amarrado.

Depois de alguns momentos de investigação o inferior de Lostardo dice em genovez.

– Não o encontro! Por Deus que o roubarão!

Lostardo, aquem estas palavras não erão dirigidas, ia sem duvida responder, quando se ouviu um agudo assobio, que foi immediatamente correspondido por outro igual, e quasi ao mesmo tempo uma pedra, lançada por acostumada mão, veio dar em cheio na testa do joven mestre da sumaca, *Francesca di Rimini*, o qual cahiu para logo sem sentidos e banhado no seu proprio sangue! O outro marujo, que o acompanhava, proferindo horriveis blasfemias, tratou de soccorrer o seu companheiro, porém reconhecendo que sosinho nada poderia fazer em seu favor, deitou a correr para a Capitania do Porto pedindo soccorro.

N'aquelle momento um vulto, que mais parecia arrastar-se pelo chão como um cachorro, chegou-se ao ferido e revistando-lhe as algibeiras, tirou d'ellas uma carteira com papeis, que ocultou deligente ebtre os seus propios vestidos, e isto feito, foi de novo gatinhando occultar-se entre as pedras.

Outro vulto, alto embuçado e mudo, tinha sido testemunha silenciosa de todo o occorrido.

Era o sujeito alto que nós seguimos, desde a praça maior.

Poucos segundos tinham decorrido, e já se ouvia o barulho da gente que corria em direcção ao logar onde se achava o ferido, e o tinir dos sabres dos assalariados da policia.

O companheiro de Lostardo chegou acompanhado de outros marujos, de pedestres e de mais gente.

Supponho inutil repetir aqui os dialogos que então houverão, as reflexões que se fizerão, e as desconfianças de cadaum a este respeito.

Os pedestres derão por ali uma volta, e uma busca de olhos fechados, como acontece sempre que o ferido é um pobre, e passados alguns minutos n'estas formalidades deitarão Lostardo em uma rede, e alguem pondo-se a testa da comitiva começarão a andar dizendo; - ao hospital o ferido!

A gente seguiu no meio das maldições do companheiro de Lostardo, dos comentarios de uns e das conversas indifferentes de outros: e pouco depois, quando o écho das vozes se foi sumindo e o calcar das pizadas perdeu-se na distancia, o cáes de Laffon tornou a ficar deserto e silencioso.

A primeira cena de um drama horrivel concluia n'aquelle momento, deixando apenas para recordação, o vestigio de ligeiras gotas de sangue, sobre as largas lages do cáes..

Os *serenos* repetião pela cidade *onze horas derão e o tempo vae sereno*.


"*Sentinela! alerta!* ouvia-se ao longe". *Alerta estou!* respondia o soldado, e depois tudo ficava silencioso!

(*Continua.*)


Vêde os numeros 1,2,3,4,5 e 6.

---

Com esse n. offerecemos ás nossas Assignantes um pequeno romance frances, cuja musica é de muito gosto: é composição do maestro Francisco de Sá Noronha.



**VIANNA E C. Ouvidor 154**  
Calçados para homens e senhoras aos gostos  
mais modernos, ajuntando á elegancias e a solidez,  
commodidade  
de preços.



---

### **JORNAL DAS SENHORAS**

Publica-se todos os DOMINGOS; o primeiro numero de cada mez vae acompanhado de um lindo figurino de melhor tom em Paris, e os outros seguintes de um engraçado landú ou terna modinha brasileira, romances francezes em musica, moldes e riscos de bordados.

Subscreve-se para este Jornal nas cazas dos Snrs. WALLERSTEIN e C. n. 70, A. e F. DESMARAIS n. 86, MONGIE n. 87, rua do Ouvidor; e na Typographia PARISIENSE, rua Nova do Ouvidor, n. 20.

Toda a correspondencia é dirigida em carta fechada á Redactora em chefe a qualquer das cazas mencionadas.

PREÇO DA ASSIGNATURA: Por tres mezes, 3U000 rs. na corte, 4U000 rs. para as  
provincias.

Os trimestres contão-se em Janeiro, Abril, Julho e Outubro, e pagão-se adiantados.

---

Rio de Janeiro. - Typographia Parisiense, rua Nova do Ouvidor n° 20.